



A
ARTE
DE
EDUCAR
GINGANDO

Francisco Orismidio Duarte da Silva



A Arte de Educar Gingando

Francisco Orismidio Duarte da Silva

2021



Ficha Técnica:

Diagramação: Daniel Batata

Ilustrações: Ricardo Campos e Lailton Marques

Capa: Francisco Orismidio Duarte da Silva

Prefácio: Prof^ª Dr^ª. Cicera Nunes – Universidade Regional do Cariri - URCA

Posfácio – Prof^ª. Me. Polyana Nunes – Instituto Federal do Piauí - IFPI

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Silva, Francisco Orismidio Duarte da.

S586a A arte de educar gingando/ Francisco Orismidio Duarte da Silva. – Crato-CE, 2021

70p.; il.

ISBN 978-65-00-20364-6

Bibliotecária: Ana Paula Saraiva CRB: 3/1000

1. Capoeira, 2. Educação, 3. Cultura afro-brasileira e africana, 4. Material educativo; I. Título,

CDD: 796.45

Temos na capoeira a possibilidade de uma Prática Cultural educativa disseminadora de valores ancestrais, através de histórias e memórias orais guardadas na mente, corpo e coração dos mais velhos, de modos de vida, de produção e de resistência cultural que expressam o passado e vive o presente refletindo sobre a vida, sobre a sociedade, a natureza, o território e a sua manutenção cotidiana.

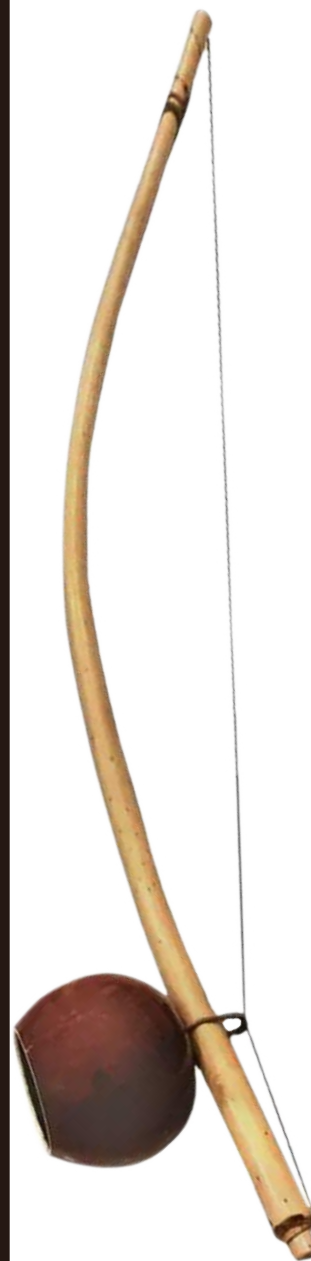
(Orismidio Silva, 2020)

SUMÁRIO

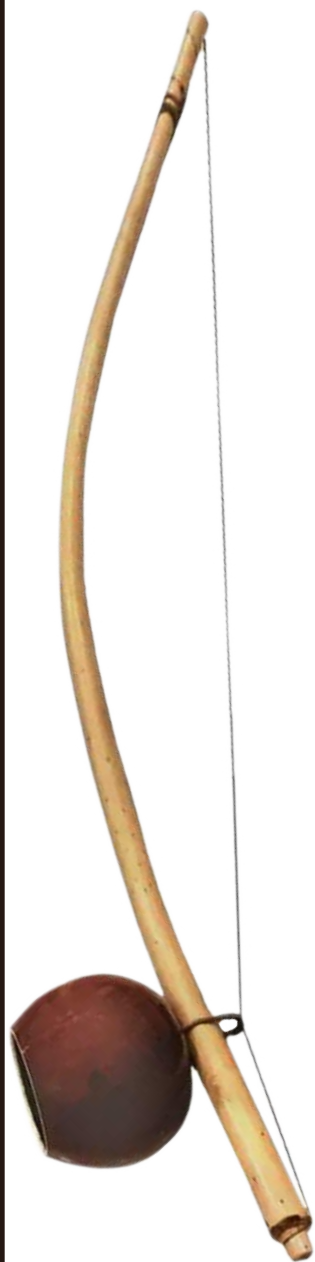
Apresentação	07
Prefácio	10
Um momento único aconteceu no Cariri cearense	13
Quilombo Cariri	21
Questões do material educativo	37
Tecendo saberes e construindo diálogos	38
Conhecendo e valorizando os saberes ancestrais	41
Capoeira, manifestação cultural afrodescendente	43
Capoeira e educação	48
Para encerrar a nossa ginga	51
Caça-palavras	54
Manifestação cultural afrodescendente brasileira – capoeira	55
Termos Banto utilizados no Brasil	61
Bibliografia	67



APRESENTAÇÃO

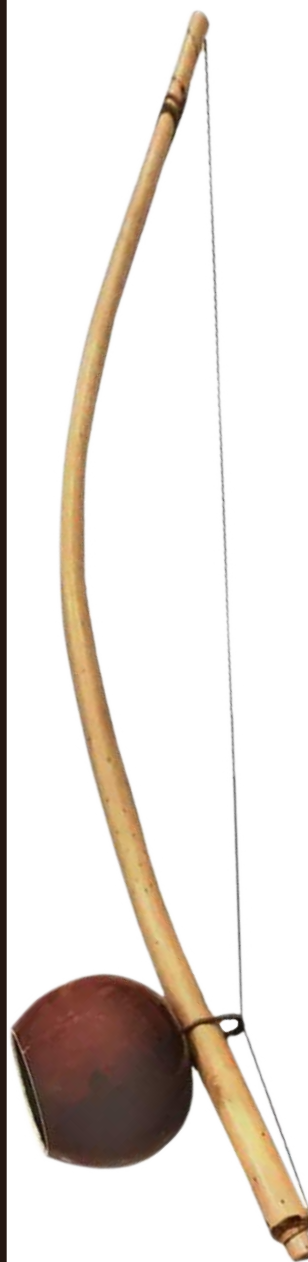


Prezadas/os professoras/es e alunas/os, é com muita satisfação que trazemos a vocês um material educativo como proposta de ação para aplicação da Lei 10639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, de ensino fundamental e médio, de maneira interdisciplinar, que toma como base as manifestações e expressões culturais brasileiras. Esse material educativo atende à necessidade apontada pelas referidas leis, pois traz em seu conteúdo dois gêneros artísticos e literários que mostram a capoeira, enquanto uma manifestação cultural afrodescendente brasileira, em constante diálogo com a sua historicidade e com outras expressões culturais de nosso país.



A região do Cariri cearense é o ambiente das narrativas que compõem esse material, e a capoeira é o seu fio condutor. No entanto, esse ambiente e esse fio condutor não limitam a aplicação do material em outras regiões brasileiras e, tampouco, associações com outras expressões e manifestações culturais, uma vez que, estamos tratando de expressões e manifestações culturais afrodescendentes brasileiras e estas partem da mesma origem.

Assim, construímos essa narrativa educativa a partir dos eventos: “Terreirada no Cariri – Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira”, ocorridos nos anos de 2015, 2017 e 2019. No primeiro gênero, temos uma crônica que versa sobre a experiência e a vivência no evento realizado em 2015, onde apresentamos características e expressividades culturais advindas da capoeira e da sociedade. No segundo, apresentamos um conto, inspirado a partir dos eventos de 2017 e 2019, onde foram experienciadas vivências em engenhos de rapadura, casas de farinha e na Floresta Nacional do Araripe - FLONA.

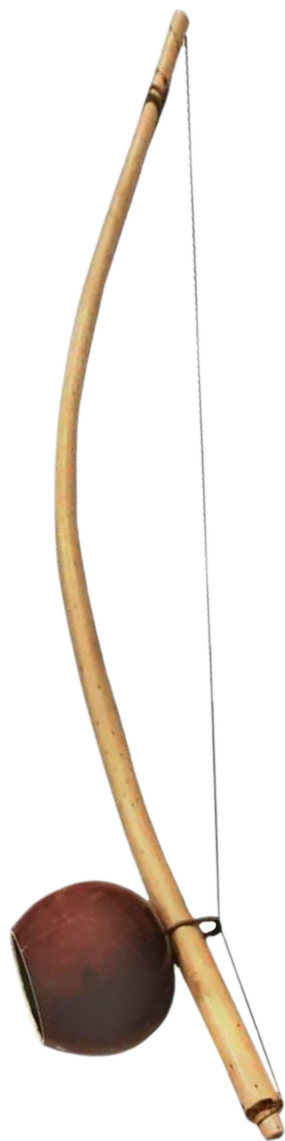


Ao final das narrativas, trazemos, como sugestão para a fixação e verificação do aprendizado, uma seção composta por exercícios reflexivos sobre a capoeira e as africanidades presentes em nossa cultura e no nosso cotidiano. Essas atividades priorizam a reflexão e a análise da capoeira, além de versarem sobre a cultura afrodescendente brasileira em busca do fortalecimento identitário e do reconhecimento de nossos valores ancestrais, ainda vivos contemporaneamente.

Desejamos às/aos professoras/es e alunas/os que a utilização desse material possa contribuir de forma significativa na produção e aquisição de conhecimentos sobre a história, cultura e sociedade brasileira e com isso proporcionar a valorização de nossas manifestações, de nossos saberes e de nossos fazeres, pois esses nos proporcionam o reconhecimento de nossas origens e nossa autonomia intelectual.

Vamos nessa!?

PREFÁCIO



O trabalho com as afrodescendências na escola tem nos colocado diante do desafio de refletir a nossa realidade e aproximarmo-nos do universo cultural, que envolve a nossa vida. A proposta, apresentada nesse material educativo, aponta possibilidades para se pensar a relação com a história e a cultura local, tendo a capoeira e as ações culturais que a envolvem, no contexto do Cariri cearense, como elementos importantes na aprendizagem das africanidades locais.

Essa discussão testemunha a importância da população negra no processo de formação cultural e na ocupação territorial dessa região, do Estado do Ceará. A proposta pedagógica, desenvolvida pelo professor da educação básica, pesquisador e Mestre de Capoeira Orismídio Duarte, se originou da Dissertação, realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, intitulada “A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação” (2020), e se trata de uma relevante contribuição, em especial, às/aos profissionais da educação básica, no contexto do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira.



O autor mergulha nos aspectos históricos, filosóficos e pedagógicos da capoeira, tendo como elemento de reflexão o evento “Terreirada no Cariri”, realizado no Terreiro Arte e Tradição, no distrito de Arajara, em Barbalha-Ceará. Partindo disso, transita nas africanidades com a preocupação de que os/as estudantes criem pertencimento com a história e a cultura da população negra local, sem que estes/as percam essa dimensão e sua diversidade no contexto brasileiro, constituindo-se elemento de resistência na contemporaneidade.

O movimento, a musicalidade, a ginga e a criatividade, dentre outros elementos estéticos do universo desse patrimônio cultural afro diaspórico, podem ser sentidos e conhecidos nesta produção original.

Ressalto, como característica importante deste material educativo, o seu caráter interdisciplinar, ao apontar para possibilidades de trabalhos nas mais diversas áreas do conhecimento, além de trazer como base os valores ancestrais e da tradição oral, com incentivo ao reconhecimento da sabedoria transmitida pelos/as mais velhos/as.



A pesquisa, desenvolvida por Orismídio Duarte, materializa parte importante da cultura de base africana no Cariri cearense e se traduz através das reflexões propostas na dissertação e no material educativo “A arte de educar gingando”.

O material apresentado se configura como ponto de partida para o planejamento de ações educativas nas escolas e pode constituir-se como um valioso elemento de reflexão das africanidades e afrodescendências no contexto brasileiro.

Cicera Nunes, Dra.

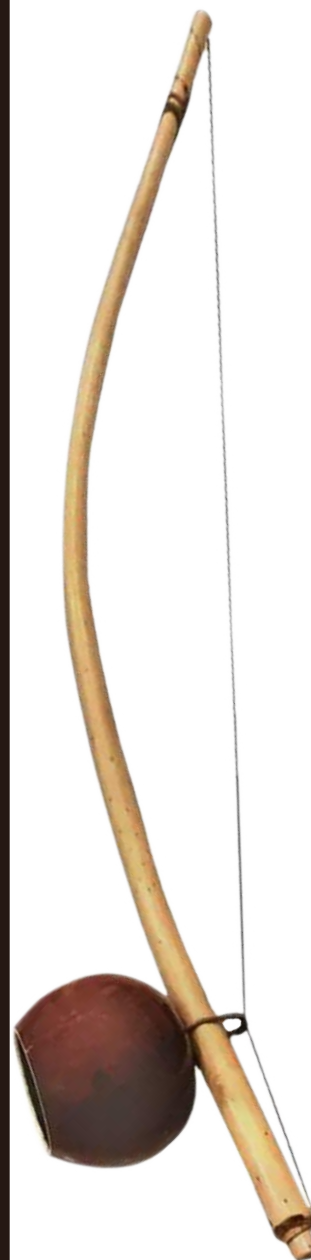
Mestrado Profissional em Educação da URCA



Um Momento Único Aconteceu no Cariri Cearense

Eram 16h:00min do dia 30/08/2015, uma quarta-feira atípica, estava a me preparar para o 1º Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, A Terreirada no Cariri. A este momento, já havia organizado todas as demandas necessárias à realização do evento e assim, aguardava ansiosamente seu início.

Para essa festa, tínhamos como convidado especial o mestre Pombo de Ouro que chegaria no dia seguinte. Este, havia sido aluno de mestre Bimba, um importante ancestral de nossa capoeiragem. Era a primeira vez que Mestre Pombo vinha ao Cariri Cearense, e também que o Terreiro Arte e Tradição receberia um aluno de mestre Bimba para papoeirar sobre a capoeira, vivenciada no século XX. Estávamos ansiosos por sua chegada, porque ela significaria uma possibilidade de aprendizado sobre a capoeira e suas tradições.



E por falar em tradições, dado o contexto permeado por perseguições às/aos afrodescendentes e suas culturas, durante o referido século, mestre Bimba criou um ritual de preparação às/aos capoeiristas onde a/o aluna/o teria que passar por uma trilha e nela teria que superar diversos desafios, vindo a enfrentar outras/os capoeiristas que estariam à espreita para pegá-la/o, imobilizá-la/o e prendê-la/o. Esse ritual conferia à/ao aluna/o uma especialização na prática da capoeiragem, logo, quem não conseguisse atravessar o percurso estabelecido, não conquistaria o título, que era representado por um lenço.



Animados pela expectativa dessa vivência e ansiosos para promover a ritualística de mestre Bimba e dela participar, buscamos na experiência do mestre Pombo de Ouro os conhecimentos necessários para reproduzir, na Chapada do Araripe – CE, uma emboscada aos moldes de nosso ancestral. Assim, no dia seguinte, delimitamos o local a ser realizada a tal emboscada e passamos o dia mapeando e preparando a trilha para que à noite pudesse ocorrer nossa experiência.

Na ocasião, eram quatro pessoas a passar pela emboscada. Quatro alunos, que se dispuseram a enfrentar os desafios e dificuldades impostas naquela noite de sexta-feira.

Antes de chegar ao local, uma breve reunião. Fizemos uma roda no terreiro, papoeiramos, jogamos capoeira em preparação do que viria a acontecer. Terminada a preparação, nos dirigimos à mata. No caminho, as pessoas da comunidade nos orientavam a entrar na floresta com folhas verdes presas à roupa e ofertá-las a Caipora quando lá chegássemos. Assim foi feito... Uma vez que a Caipora é a guardiã da floresta e a ela devemos pedir licença para entrar em sua morada.

Essa ritualística é feita por todas as pessoas que se utilizam da Chapada do Araripe para a sobrevivência, para buscar madeira, realizar caças, tomar banho em suas nascentes ou simplesmente andar pela floresta. É necessário pedir licença às encantadas, se não pedir, elas te expulsam da floresta. De que forma? Ora... Ihe assustando, lhe impondo perigos e fechando todas as possibilidades de sua busca.

As pessoas de mais idade e mais experientes já pressentem quando a Caipora não deseja a presença de humanos na Chapada e estes, ao perceberem, voltam às suas casas e aguardam um melhor momento para retornar.

A relação com a natureza é primordial nas culturas africanas e afrodescendentes. Para nós, as energias naturais dão o equilíbrio ao mundo e aos seus seres. Portanto, é preciso respeitá-la e cuidá-la para viver em harmonia. Para usufruir da natureza é essencial saber o momento de buscar os subsídios e principalmente saber o momento de não buscar, pois é fundamental essa compreensão para que ela possa se recompor.



Lembro-me de meus avós, quando eles plantavam suas roças de arroz, feijão, milho, macaxeira e algodão. O terreno era pequeno, havia algumas faixas de matas e estas forneciam a lenha necessária para cozinhar e fazer as cercas do terreno. À medida que o solo ia perdendo a qualidade de produção dos alimentos, meus avós desmatavam uma faixa de mata fazendo um novo roçado, e o antigo não era mais usado para o plantio; a ele era reservado um descanso para que, em alguns anos, uma nova floresta viesse a surgir. Desse modo, nunca faltou alimento, matas e recursos naturais no terreno de meus avós.

Essa técnica nos foi herdada pelas/os nossas/os ancestrais Africanas/os e Indígenas, estes humanos sabiam como lidar com a natureza, de modo a não comprometer seu equilíbrio. Essa reflexão norteou nosso papoeira, despertando questionamentos e curiosidades acerca do que fora vivenciado na emboscada. Por que pedir licença ao entrar na mata? Por que pedir proteção aos seres encantados? Por que respeitar a natureza?

A emboscada causou aflição na comunidade, o quebra-quebra na mata foi ouvido nas casas, as disputas foram acirradas com lutas corporais em plena noite enluarada. Mesmo com todo o perigo, enfrentado pelos emboscados e emboscadores, a resposta aos questionamentos do papoeira veio ao final quando ninguém saiu ferido, quando a satisfação e a alegria já haviam tomado o lugar da dúvida e do medo que partia das/os envolvidos e das/os moradoras/es que acompanhavam tudo com bastante apreensão.

Então, voltamos ao terreiro! Uma roda de capoeira nos aguardava... Cansaço? Não havia. Chegávamos com as energias renovadas pela força da floresta e a benção das caiporas, as guardiãs.

Jogamos capoeira como nunca e percebemos que a atividade de capoeira se faz importante à promoção dessa educação e consciência ecológica e ancestral. Assim, ao passo que tínhamos uma atividade que mais parecia ser lúdica, tínhamos

também uma forma prazerosa de aprender e ensinar. De valorização dos ancestrais e dos laços familiares; de respeito à natureza; de fé e de proteção; de aprendizado e de crescimento!

Iê viva meu mestre!

Volta do mundo camará!



Glossário

Afrodescendente – Pessoa que descende de uma família de origem africana.

Ancestral – Relacionado com antepassados; com pessoas de quem se descende; provém; tem sua origem; familiar mais antigo.

Caipora – Personagem da mitologia brasileira, habitante das florestas, geralmente representado fumando um cachimbo, conhecido por ser o protetor das matas.

Capoeiragem – Prática de capoeira. Conjunto de técnicas da capoeira. Modo de vida de capoeirista.

Cariri Cearense – Região ao sul do Ceará.

Chapada do Araripe – Floresta Nacional do Araripe; Serra ao sul do Ceará, que se estende pelo estado de Pernambuco.

Comunidade – Conjunto das pessoas que habitam o mesmo lugar, dos que pertencem ao mesmo grupo social, cultura e história.

Cultura – Conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade.

Emboscada – Ataque inesperado e traiçoeiro; cilada, armadilha: preparar uma emboscada contra o inimigo.

Encantadas/os – No Cariri Cearense se refere aos espíritos das florestas. As/os encantados/as.

Guardiã – Alguém que guarda, protege e salvaguarda.

Herdada – Vem do verbo herdar. O mesmo que: legado, deixado, obtido, recebido. Receber por herança.

Lúdica - Feito através de jogos, brincadeiras, atividades criativas. Que faz referência a jogos ou brinquedos; brincadeiras...

Papoeira – Roda de conversas sobre capoeira; diálogo sobre capoeira.

Ritual – Reunião das ações, das práticas, dos ritos que compõem uma cerimônia, religiosa ou não; Reunião das normas preestabelecidas que precisam ser respeitadas numa ação solene.

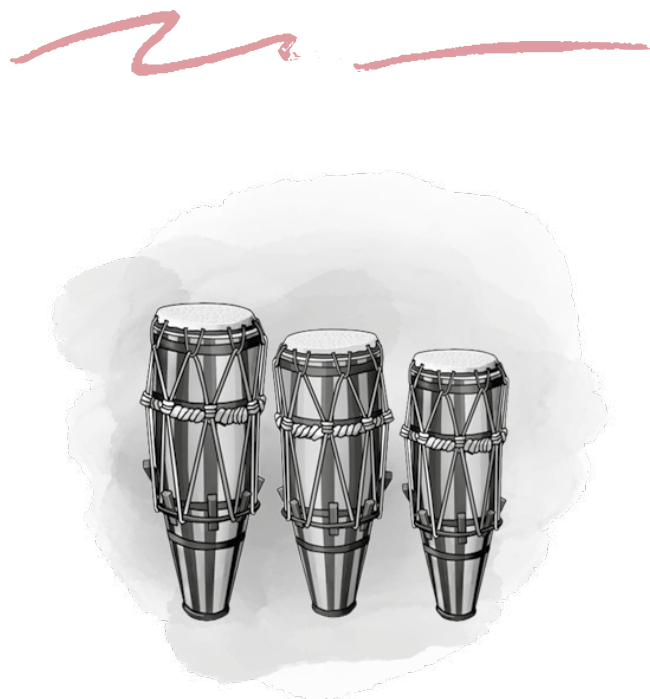
Roçado – Terreno que se roçou para ser cultivado.

Roda de capoeira – Espaço onde se joga a capoeira. Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira.

Terreirada no Cariri – Evento de capoeira realizado na cidade de Barbalha-Ceará, pela Associação Terreiro Capoeira e Grupo Arte e Tradição.

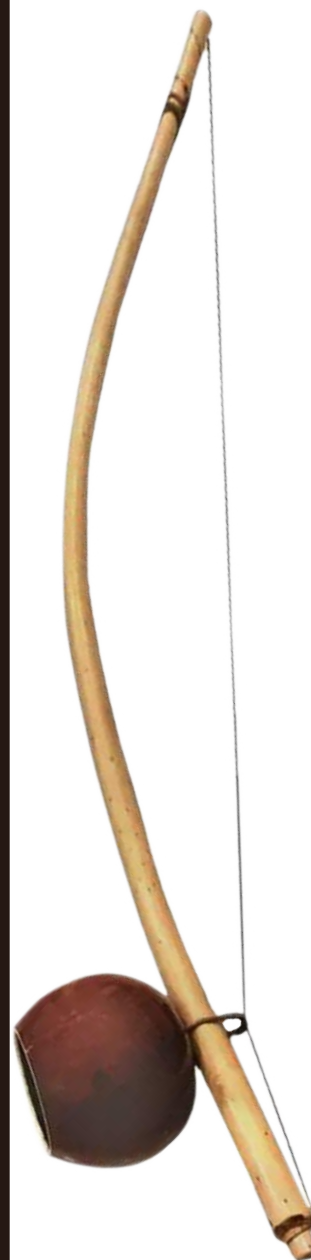
Terreiro – Espaço de chão batido. Quintal pequeno, geralmente de terra batida, localizado no exterior de uma casa; terraço ou eirado. Local destinado à celebração de cultos afro-brasileiros.

Vivência – Fato de viver, de ter vida; existência. Experiência de vida. Conhecimentos adquiridos pela experiência em uma ou várias situações de vida ou profissionais.



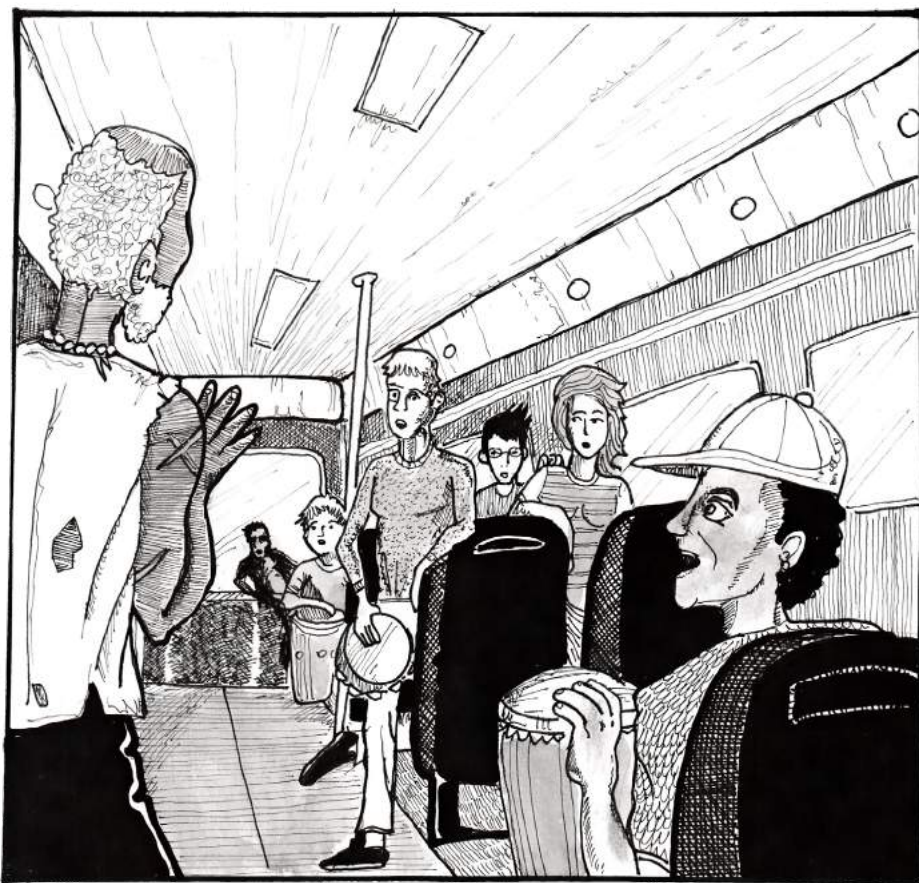
Um Momento Único Aconteceu no Cariri

Quilombo Cariri



Dois anos se passaram, e ocorreu mais uma edição do Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, a Terreirada no Cariri. Nesse ano aconteceu uma programação especial, em que os participantes do evento vivenciaram a ida a uma fazenda colonial, na qual existia um engenho de rapadura e uma casa de farinha. O cariri cearense é repleto de fazendas coloniais com engenhos, casas de farinha e tristes histórias de maus-tratos e desrespeito humano, principalmente as/aos escravizadas/os. Estávamos ansiosos pelo momento de entrar no ônibus, que havia sido fretado para nossa condução à fazenda, e por conhecermos esse lugar misterioso.

Entramos no ônibus naquela euforia, aos poucos nos acomodamos e nosso transporte seguiu viagem. Berimbaus, pandeiros, agogô, reco-reco e atabaque entraram em ação dando o ritmo das músicas entoadas durante o percurso, estávamos em pleno êxtase e a satisfação era nítida no semblante das pessoas.



De repente, um senhor, africano, imagino que em torno de seus 60 anos, de barba branca, cabelos encaracolados e com cicatrizes por todo o corpo, sai do fundo do ônibus e chega até onde o batuque acontecia. Um grito estrondoso foi emitido pelo senhor. Iê!!!!!!!!!!!!!! O berimbau cadenciou o toque, os outros instrumentos pararam para aguardar o novo ritmo. Um toque de angola começou a ser executado. O berimbau gunga iniciou tocando a base, o médio e o viola entraram logo em seguida fazendo suas firulas e o senhor iniciou sua cantoria.

Nela, o senhor africano falava dos dias de sofrimento passados, desde seu sequestro em Angola, até chegar em terras caririenses. A música era um lamento sobre o corte da cana, as noites enluaradas preso à senzala, o corpo chicoteado, ferido e marcado, a produção do açúcar, rapadura e aguardente, o plantio da mandioca e a feitura da farinha. A música também falava de esperança, da proteção ancestral, das forças da natureza, do aprendizado recebido pelas/os mais velhas/os...

No ônibus, só se escutavam os instrumentos e a voz cadenciada do velho africano, todas as pessoas estavam atentas a cada palavra proferida e cantada. Estávamos surpresos e curiosos, ninguém conhecia aquele homem...

A música continuava a ser entoada e, após repetir um dos versos, o homem canta:

- Iê viva meu mestre!!!! e todos respondem o coro em uma só voz! – Iêee... viva meu mestre, camará! e continua...
- Iê vamos embora!!! – iêee... vamos embora, camará!
- Iê chegada a hora!!! – iêee... chegada a hora, camará!

O homem silencia e dirige-se lentamente ao lugar de onde veio. Após alguns minutos, ninguém mais o vê!



Aquilo mexeu com o sentido das pessoas que começaram a se indagar sobre o africano. Ninguém o conhecia, nunca o haviam visto. E como teria ele embarcado na viagem sem que ninguém percebesse?

Enquanto as pessoas questionavam o ocorrido, o ônibus chegava ao seu destino. Entramos em uma estrada carroçável e nela só avistávamos os canaviais, de ambos os lados. O verde das folhas nos ofuscava, o cheiro do massapê era sentido por todas/os. A esta altura da viagem, não mais se discutia sobre o velho. Alguns minutos a mais percorrendo a estrada, o ônibus chega em um grande portão de madeira. O motorista buzina uma, duas, três vezes, até que chega um moço para abrir o portão e entrarmos na fazenda. Mais alguns minutos de estrada, em meio a cana caiana, e uma arquitetura começa a aparecer ao longe. Muito exuberante, de cores branca e azul. Muitas pessoas colocaram a cabeça para fora da janela para acompanhar o percurso de chegada. A arquitetura, aos poucos, ia ficando mais nítida e se revelando como uma enorme casa e, ao seu lado, um engenho. Também começávamos a ver as/os trabalhadores, todas/os afrodescendentes...

Enfim, chegamos ao destino. Quando o motorista abre a porta, logo aparece um senhor, africano, com cerca de 60 anos, barba branca, cabelos encaracolados e com cicatrizes por todo o corpo. Este se põe à porta para nos receber.

Em suas pernas havia uma corrente que o impossibilitava de andar normalmente. Além disso, em seu lado direito, a corrente se estendia até seu punho. Quando o velho se movimentava, a corrente produzia um som horrível, que doía na alma...

Todas/os nós descemos do ônibus e estranhamos aquela situação. Começamos a perceber que todas as pessoas que trabalhavam no engenho estavam com a mesma corrente, que passava pelas duas pernas e se estendia até um de seus braços.

Ao redor do engenho, pessoas a cavalo observavam todo o movimento. Apenas essas pessoas não estavam acorrentadas. O velho então nos levou à primeira parte do engenho e lá nos falou:

- Há muito tempo estávamos aguardando a vinda de vocês. As encantadas e as forças da natureza nos diziam que esse dia estava próximo! Estamos planejando uma fuga e precisamos da ajuda de vóis micês.
- Temos em nosso meio boas e bons capoeiristas, mas estas/es se encontram acorrentadas/os e precisam se libertar para ajudar com a fuga das/os demais.
- Como vocês tem autorização do sinhozinho para andar livremente pelo engenho, vocês terão de libertar um a um.
- Mas como vamos fazer isso? Indagou uma das capoeiristas participantes da viagem.



O velho responde:

- Está vendo aquela coluna ali à sua direita? Nela há um torno com as chaves. A chave para os grilhões é a maior. Não há como errar! Você a pega e durante a visita vai abrindo as correntes de quem se aproximar, olhar para você e disser: Seja bem-vinda ao nosso engenho! Essas pessoas são as mais valentes capoeiristas que temos. Quando elas tiverem libertas, saberemos a hora de iniciar a revolta. Quando iniciar a revolta, vocês terão de nos dar cobertura. Não é necessário entrar no confronto para não levantar suspeitas. Inclusive, teremos que aplicar um golpe de capoeira em um de vocês para que possamos enganá-los. Nossos orixás já nos orientaram sobre a trilha e o rumo a tomar. Iremos à Chapada do Araripe, próximo a uma nascente. Um lugar de difícil acesso, que só é penetrado pelo sol. A esse lugar daremos o nome de Solzinho e construiremos nosso quilombo.

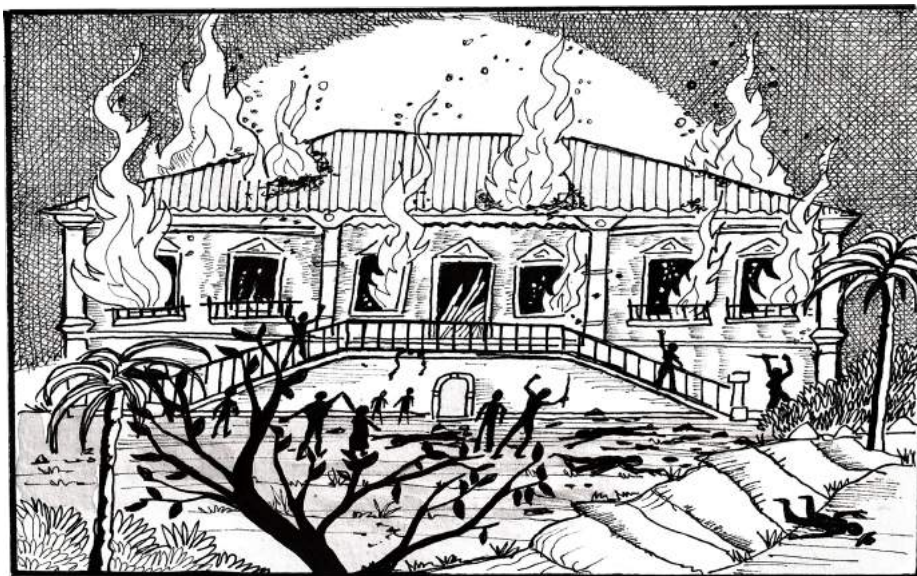
O plano de fuga, que o velho discorria, parecia ter sido elaborado há muito tempo. O senhor sabia cada lugar e situação a ser vivida e superada. Descrevia tudo como se já conhecesse e, além disso, tivesse passado pelos lugares descritos e vivido toda aquela situação.

Tudo estava combinado e assim, o plano começava a ser executado. Berimbaus foram desarmados para que virassem armas. As baquetas também mostraram seus lados pontiagudos e assim, ficamos atentas/os a qualquer ataque realizado pelos capitães do mato.

Lentamente uma capoeirista de nosso grupo se dirigiu à coluna e pegou a chave. Ninguém percebeu e tudo parecia normal. Os vigias da fazenda acompanhavam nossa visita, mas não percebiam a trama elaborada e assim, cada pessoa escravizada, uma a uma, ia sendo discretamente libertada das correntes.

Após libertar aquelas pessoas indicadas pelo velho, o mesmo pede a chave e fala:

– Pronto, sua missão termina aqui. Oxalá lhe abençoe! Quando a gente chegar no tacho de caldo de cana, se afastem, pois, a revolta começará por lá! Vamos jogar todo o caldo fervente nesses traidores! Não fiquem próximos à caldeira e quando a confusão começar, corram para o ônibus. Você aí, que é metido a fortinho. Sim, você mesmo! Sua missão será a de enfrentar aquele moço de cicatriz no rosto. Não se preocupe que ele não lhe fará mal algum, apenas aplicará um golpe de capoeira para que os capitães não desconfiem de vocês. Preparadas/os!? Deus do céu nos ajude!



Aos poucos, o engenho e seu funcionamento iam sendo mostrados. Nenhuma desconfiança por parte dos seguranças que estavam a observar. Chegamos à caldeira de caldo de cana, a olhamos, e o mestre de caldeira nos pede para atentar ao processo de chegada do caldo até a mesma. Nesse instante, nos afastamos naturalmente da caldeira quente, indo em direção à talha, que conduzia o referido caldo. Quando todas/os chegamos à talha, a caldeira quente é derramada sobre três guardas que fiscalizavam nossa visita. O motim começou! Corremos em direção ao ônibus. No caminho, nosso amigo capoeirista entrou em disputa com o

africano. Tudo como planejado! Os capitães do mato correram em nossa defesa e nos tiraram do local que ocorria o motim, levando todos ao ônibus e exigindo que saíssemos o mais rápido possível da fazenda. Assim fizemos...

Enquanto saíamos da fazenda, a luta continuava no engenho. As/os escravizadas/os incendiaram o engenho e a casa grande. As mulheres escravizadas, que estavam na casa grande e na senzala, trataram de organizar as sementes, os mantimentos e as ervas para a fuga em massa. Aos poucos, iam se embrenhando nos canaviais e fugindo daquele lugar. Quando os revoltosos perceberam que todas as pessoas já haviam se embrenhado nos canaviais e fugido da fazenda, começaram a correr e fugir. Já não era mais hora de lutar, a tática mudara repentinamente! As/os escravizadas/os, que lideraram a revolta espalharam-se e fugiram por lados diferentes, deixando confusos os capitães do mato que ainda tinham vida. Um escravizado conseguiu ser capturado... outros dois tentaram voltar para ajudar, mas o velho sábio disse:

– Não! será melhor perder um, do que três! vamos fugir e pedir aos orixás por ele!

E assim foi feito. Enquanto fugiam, o escravizado capturado era levado ao pelourinho. Lá, foi amarrado e açoitado até a sua morte...



A fuga das/os escravizadas/os continuava e nenhuma pessoa a mais veio a ser capturada pois, aos poucos, a polícia do senhor de engenho perdia forças. Dois dias de fuga foram suficientes para que as/os fugitivas/os conseguissem adentrar na floresta. Na Chapada do Araripe estavam tranquilos e sem correr mais risco algum.

Mais uma semana de caminhada pela floresta, até chegar à nascente prometida pelos orixás. Uma parede calcária protegia o lugar ao poente, ao lado nascente, um vale protegido por uma densa e intransponível floresta. E junto à parede calcária, uma nascente de água pura e límpida!

Quando chegaram ao local, o velho reuniu todas/os e falou:

– Conseguimos, mas não é hora para comemorar. Teremos que passar algumas luas para poder fazer algum barulho maior por aqui. Por enquanto, teremos que trabalhar em silêncio. Vamos construir nossas moradas e começar a cultivar nossas sementes. Por falar em sementes, tenho que semear essas duas, em agradecimento aos orixás. Preciso que Maria Mezinheira venha comigo, pois temos que plantar essas duas sementes, ao pé da chapada e em diagonal com a nossa nascente e comunidade, que se chamará Solzinho.

– Vamos! não temos tempo a perder!

O velho e Maria Mezinheira se embrenharam de mata a baixo, em busca desse lugar escolhido por Deus. Quando lá chegaram, era final de tarde, então montaram acampamento e o velho disse:

– Maria, agora é com você. O local do plantio será esse e precisará de seus conhecimentos para a preparação do solo. Saberá usar suas ervas para produzir um ambiente favorável à germinação e ao crescimento dessas futuras árvores protetoras.

Maria, então silenciou e entrou em uma profunda reflexão. Alguns minutos depois, saiu pela mata colhendo o devido material para seu trabalho. O velho ficou no acampamento fazendo os rituais aos orixás, as energias da natureza. A



noite chegou com uma lua crescente e, no auge da noite, o velho acordou Maria e lhe disse:

– Vamos Maria, é chegada a hora!

Em silêncio e profunda concentração, ela semeou as duas sementes no local indicado pelas energias da natureza e depois os dois voltaram a dormir. Acordaram na madrugada antes de o sol nascer. Fizeram suas orações, se alimentaram com sementes, frutos e ervas coletadas na floresta. Enquanto comiam, o sol começava a dar sua graça e luz. Foi quando o velho olhou para Maria e disse:

– Maria, minha irmã! Dessas sementes nascerão duas árvores encantadas, elas mostrarão aos viventes desse sopé de serra, nossas futuras gerações, que a vida é composta de fases, que estas nem sempre vão aparentar serem boas. Mas serão necessárias...

– Veja bem, essas árvores terão nesse lugar três ciclos bem definidos e distintos. O primeiro, será o ciclo onde elas ficarão todas verdinhas. Será no período chuvoso e parecerá o período mais belo. O segundo, será quando as chuvas acabarem. Daí, elas perderão todas as suas belas folhas verdes para dar lugar a flores amarelas e de brilho intenso. Essa, será a fase mais curta de suas existências, porém a mais intensa. Será também, a fase em que todas as pessoas vão perceber que elas existem. Logo depois, elas se recolherão... irão perder todas as flores e ficarão apenas com seus galhos. Nesse período, já não haverá sinal de chuva. Ninguém perceberá quem elas são, quais seus valores e suas belezas. Elas ficarão esquecidas até que as chuvas voltem e o verde de suas folhas deem início a um novo ciclo anual. Daqui a três dias e três noites, as sementes germinarão! Que Oxalá nos abençoe e nos proteja! que Oxóssi proteja as matas e estas futuras árvores! Axé!

– Axé! Respondeu Maria.

Após essa explicação, os dois regressam ao local do futuro quilombo para darem continuidade à vida em liberdade. Enquanto eles faziam o percurso de volta, o som de um telefone me desperta. Já são 5h da manhã!!!! e tenho que me dirigir ao Sítio Santo Antônio de Arajara, pois teremos nesta manhã de sábado uma visita ao engenho de rapadura e à casa de farinha, porque hoje se inicia o II Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira- A Terreirada no Cariri.



Glossário

Agogô – Instrumento de percussão em forma de ferradura arrematada por duas campânulas de ferro.

Angola – País africano.

Arquitetura – Forma, estrutura.

Atabaque – Tambor feito com a pele de um animal distendida sobre um pau oco. É percutido com as mãos e pode ter vários tamanhos. Sua origem é africana e sua difusão no Brasil foi feita pelas/os escravizadas/os.

Baquetas – vareta de madeira usada para tocar berimbau.

Batuque – Ato de batucar, de fazer barulho com pancadas num ritmo acelerado; batucada. Nome geral que se dá a todas as danças acompanhadas por instrumentos de percussão. Qualquer música ou dança de origem afro-brasileira que tem como base a percussão e o canto. Nome comum a diversos cultos afro-brasileiros.

Berimbau – Instrumento usado na capoeira também conhecido urucungo. Composto por um arco de madeira, arame de aço e uma cabaça.

Cabaça – Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, que tem aproximadamente a forma de uma pera.

Calcária – Calcária é o feminino de calcário. Que contém cal: pedra, terreno calcário. Nome dado a um importante grupo de rochas...

Caldeira – Grande recipiente metálico em que se pode aquecer, fundir ou cozinhar alguma coisa.

Cana caiana – Tipo de cana-de-açúcar, proveniente da Caiena (Guiana Francesa), utilizada para produzir açúcar e cachaça; caiana ou caiena.

Canaviais – Canaviais é o plural de canavial. Plantação de cana-de-açúcar.

Capitães do mato – Afrodescendente que tinha como função capturar, vigiar, reprimir e ou punir as/os escravizadas/os nas fazendas. Os capitães do mato de hoje são àquelas pessoas que concordam e apoiam a opressão e a violência para com a

população pobre.

Capoeiristas – Pessoas que vivenciam e praticam a capoeira.

Casa de farinha – Lugar onde se produz a farinha.

Embrenhando – Embrenhando vem do verbo embrenhar. O mesmo que: penetrando. Esconder, meter (nas brenhas ou no mato).

Engenho de rapadura – Lugar onde se produz a rapadura.

Entoadá – Cantada (no sentido do conto) - afinada, harmoniosa, melodiosa. Dito em voz alta; que se conseguiu entoar; dizer em.

Escravizados – Seres humanos presos e forçados a trabalhar sem remuneração. Durante muito tempo, esse grupo de pessoas, foi em sua grande maioria representado por africanas/os.

Estrada carroçável – Estrada de chão, sem pavimentação, sem infraestrutura.

Fazenda colonial – propriedade destinada à lavoura ou à criação de gado no regime colonial brasileiro.

Germinação – Ação de germinar. Desenvolvimento do germe contido em uma semente.

Grilhões – Corrente de ferro utilizada para prender as/os escravizadas/os.

Gunga – Berimbau com cabaça grande, que produz uma sonoridade grave, responsável por conduzir o ritmo.

Iê – Expressão na capoeira que significa um pedido de atenção. Geralmente é usada no início das rodas de capoeira, para que todas/os tenham atenção a mensagem passada através da música a ser cantada.

Massapê – Terra argilosa, geralmente preta, de excelente qualidade para a cultura da cana-de-açúcar.

Médio – Berimbau com cabaça média, que produz uma sonoridade de frequência média e que acompanha o ritmo do Gunga.

Mezinha – Qualquer remédio caseiro.

Mezinheira – Mulher que aplica ou receita mezinhas. Mulher que se trata com mezinhas.

Nascente – Ponto em que nasce a corrente de água; fonte.

Orixás – Divindades africanas.

Oxalá – Divindade superior entre os orixás. Oxalá é sinônimo de: tomara, assim seja, salve.

Oxóssi – Orixá das florestas, dos animais, da fartura, do sustento.

Pandeiro – Instrumento de percussão, próprio para marcar ritmos, composto por uma armação circular de madeira, com uma das faces coberta, e aberturas espaçadas em que se colocam uma ou mais rodela de metal, enfiadas em arames.

Pelourinho – Coluna de madeira situada num local central e público, onde as/os escravizadas/os eram castigadas/os e exibidas/os.

Reco-reco – Instrumento musical de percussão, composto por um rolo de bambu seco com cortes transversais, sendo o som produzido pela ação de esfregar uma vareta nesses cortes.

Senzala – Habitação usada como alojamento para as/os africanas/os, trazidos ao Brasil, durante o período de escravização.

Sinhozinho – Diminutivo de sinhô; forma usada, pelas/as escravizadas/os, para se referir ao filho do Senhor de Engenho.

Tacho – Recipiente circular de metal ou de barro, geralmente pouco fundo e provido de alças, para uso doméstico ou industrial.

Toque de angola – Toque de capoeira para o uso na capoeira Angola. Existem três tipos básicos: Angola, São Bento Pequeno de Angola e São Bento Grande de Angola.

Viola – Berimbau com cabaça pequena, que produz uma sonoridade de frequência aguda e que serve para fazer improvisos.



QUESTÕES DO MATERIAL EDUCATIVO

Vamos pensar um pouco sobre as Africanidades no contexto brasileiro?

TECENDO SABERES E CONSTRUINDO DIÁLOGOS

As Africanidades Brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem. As afrodescendências instruem sobre a diversidade étnica brasileira, livre dos “racialismos” e tornam-se reconhecedoras da presença em bloco e não desestruturada de uma etnia predominante afrodescendente.

O conceito de afrodescendência tem por base a história e os processos de formação de identidade afrodescendente. As populações resultantes de imigrações forçadas devido ao sistema de produção do escravismo criminoso têm uma história em comum no Brasil. São originárias de um território de formação histórica e cultural, comum que é o continente africano, a história e as culturas africanas. Esta população estabelece novas relações sociais e sofre as transformações condicionadas, de certa maneira, pelo sistema escravista e depois pelo capitalismo racista. Nestes processos sociais, produzem novas identidades, que resultam de uma origem comum e de uma história de contornos comuns. Afrodescendência é, portanto, um conceito de base étnica dado pela história sociológica dessas populações. (CUNHA JR., 2001).



1- Qual é a primeira coisa, que lhe vem à cabeça, quando falamos em Africanidades? Poderíamos pensar nelas como uma forma de resistência a valores que nos foram impostos por força de uma cultura e de uma tradição colonial?

2- O que você entende por Afrodescendências? O que podemos citar como exemplo de afrodescendências, após a leitura da crônica “Um Momento Único no Cariri Cearense”?

3- Você consegue perceber, em sua comunidade e no seu cotidiano, aspectos da cultura Africana e Afrodescendente representados sob a forma de valores, crenças, ou algumas outras manifestações culturais?

4- Quando fez a leitura do conto e da crônica, presente neste material, você conseguiu perceber nesses textos a presença de Africanidades e valores Afrodescendentes? Quais?

5- Na sua opinião, os textos “Um momento único aconteceu no Cariri cearense” e “Quilombo Cariri” podem ser descritos como narrativas que enriquecem nosso conhecimento e fortalecem o respeito acerca das africanidades e dos valores afrodescendentes?



Vamos pensar um pouco sobre a ancestralidade?

CONHECENDO E VALORIZANDO OS SABERES ANCESTRAIS

Buscando a compreensão do legado deixado e reconstruído pelas populações africanas em nossa diáspora, é importante destacar que devemos conhecer e reconhecer a filosofia e a cosmovisão africana, para compreendermos as culturas afrodescendentes de nossa sociedade. Dentro desse contexto, temos a ancestralidade como um fator primordial na filosofia e cosmovisão africana.

Desse modo, para Cunha Junior (2010), a ancestralidade se encontra nos mitos de criação dos povos africanos e nos ancestrais antigos, os quais são representados pelas pessoas, pelas divindades, pelos bens e pela natureza. Estes, são considerados como sagrados e assim, são cultuados, preservados e respeitados, como responsáveis pela iniciação de uma determinada cultura, que se reflete na definição de uma família, nas etnias, nas comunidades de povos africanos, na natureza ou nos lugares de sua complexidade ou integralidade.

Sendo assim, a voz dos mais experientes, da natureza e do meio ambiente tem muita importância nas sociedades africanas. “A oralidade funciona como uma matriz cultural de construção do discurso e tem diversos empregos nas diferentes sociedades do continente” (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 86). É dessa prática e discurso que se criam as histórias, mitos, provérbios, saberes e conhecimentos que são de fundamental importância às sociedades africanas e afrodescendentes.

Tanto é verdade, que a família representa e é entendida, como “um valor social que decorre da ancestralidade e das associações realizadas na sociedade” e essa, “tem importância nas relações sociais de poder e econômicas” (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 86). O uso dos recursos naturais para a construção, a produção de alimentos, a criação de animais, a pesca e para a caça são valores sociais e estes, constituem um modo de produção cooperada entre os membros quem compõem a sociedade. Segundo Cunha Junior (2010), a urbanização e o comércio nessas sociedades são representados pelas feiras e mercados. “O comércio, as feiras e os mercados africanos são parte dos valores sociais africanos” (p. 87).

“A ancestralidade é um valor social contido nas sociedades tradicionais que resiste mesmo à urbanização moderna ou a presença de religiões europeias” (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 86). Esse valor social africano pode ser observado quando as comunidades rurais e periféricas brasileiras, por exemplo, realizam seus trabalhos, seja na construção civil, nos engenhos ou nas casas de farinha, seja no plantio ou na colheita, e a isso associam um festejo, que hoje podemos observar mediante a oferta de um almoço, churrasco, feijoada, mungunzá, etc. Esta é uma herança constituída na ancestralidade, no modo de produção ancestral vinda da África.

Tanto na leitura da crônica quanto do conto, percebemos vários aspectos relacionados ao modo de vida e ao cotidiano de comunidades afrodescendentes. Podemos destacar, principalmente, o valor dado à sabedoria das pessoas mais velhas, a qual chamamos de sabedoria ancestral, os fazeres ligados à terra e à natureza e às manifestações culturais como forma de agradecimento, divertimento e manutenção dos valores coletivos.

Esses aspectos nos foram herdados a partir da cosmovisão africana que nos permite compreender e enxergar o mundo por meio de uma visão que integra o passado, o presente e a realidade vivida, de modo a nos conduzir pelas nossas origens, através de uma gama de valores ancestrais, frutos da nossa individualidade e coletividade.



1- Quando pensamos nos elementos apontados pela cosmovisão africana e que fazem parte do nosso cotidiano, podemos afirmar que a cultura africana e afrodescendente se traduz em algo que permeia nossa vida e constitui parte do que somos?

2- Do ponto de vista da cosmovisão africana, o que podemos inferir, a partir do conto Quilombo Cariri, sobre a vivência e a convivência em quilombos?

3- No conto Quilombo Cariri, foi possível perceber respeito ou reconhecimento acerca da nossa formação cultural brasileira afrodescendente? O que representavam as correntes e as cicatrizes no corpo dos escravizados?

4- Quais fatores você pode apontar como elementos que dificultaram o respeito e o fortalecimento de uma identidade cultural afrodescendente no Brasil?

5- Tomando por base as leituras do conto e da crônica, presentes nesse material, e seu conhecimento de mundo, fale sobre a importância da sabedoria transmitida pelos mais velhas/os, sobre a importância dos fazeres ligados à terra e sobre a importância da natureza e das manifestações culturais para o fortalecimento da nossa identidade cultural afrodescendente (enriqueça nossa roda de conversa, se possível, com exemplos da sua vivência).



Vamos pensar um pouco sobre a capoeira?

Capoeira, Manifestação Cultural Afrodescendente

A capoeira é uma das mais relevantes Manifestações da Cultura Afrodescendente Brasileira produzida na diáspora das/os africanas/os no Brasil. Segundo o professor Muniz Sodré (2012), a capoeira é uma atividade negro-brasileira de funcionalidade artística e cultural de valor intrínseco próprio, de natureza ética, mítica, histórica e terapêutica.

A capoeira é uma prática cultural disseminadora de valores ancestrais, através de histórias e memórias orais guardadas na mente, corpo e coração dos mais velhos, de modos de vida, de produção e de resistência cultural que expressam o passado e vive o presente refletindo sobre a vida, sobre a sociedade, a natureza, o território e a sua manutenção cotidiana.

A capoeira é um jogo com a vida em sociedade. É vivência diversa, por ser uma prática coletiva social interdisciplinar de matriz africana. Essa característica peculiar da capoeira, em ser vivência, é representada pela expressão “a capoeira é mandinga” proferida por Vicente Ferreira Pastinha, um de nossos ancestrais, conhecido no universo da capoeira como Mestre Pastinha.



1- Nos dois textos que você leu anteriormente, ou seja, tanto no conto quanto na crônica, a capoeira foi apresentada como uma importante manifestação cultural afrodescendente. No entanto, no conto ela atua de modo diferente dentro da construção da narrativa. O que fez a sua atenção se voltar para a capoeira e as/os capoeiristas durante a leitura do conto Quilombo Cariri?

2- As leituras despertaram de alguma forma a sua emoção? Em quais momentos foi possível experimentar sensações como angústia, entusiasmo, alegria? A leitura motivou outros sentimentos, quais? Você saberia explicar a motivação?

3- É possível perceber uma relação entre o plano de fuga e a escolha, feita por um “preto velho”, para que ela fosse arquitetada por capoeiristas. Qual seria a razão disso?

4- É possível pensar em quilombos e na capoeira como formas de resistência e manutenção dos valores afrodescendentes? De que forma isso se evidencia no conto Quilombo cariri? Contra quem as/os capoeiristas se opuseram?

5- Com base nas suas leituras e discussões feitas até aqui, podemos afirmar que a capoeira representa uma manifestação de cunho artístico e cultural capaz de trazer consigo aspectos relacionados à cultura africana e afrodescendente para o contexto brasileiro?



É possível estabelecermos um diálogo entre capoeira e educação?

Capoeira e Educação

Entendendo a capoeira enquanto uma manifestação cultural afrodescendente brasileira, por ela ter sido concebida em solo brasileiro através da diáspora africana em nosso país, nos indagamos sobre qual relação poderia ter ela com a educação. Apesar de você também ter se questionado em relação a isso, temos certeza de que será possível estabelecer sua proximidade com a educação pelo fato de compreendermos a capoeira, enquanto uma cultura afro-brasileira.

Em nossas escolas, a capoeira é utilizada na disciplina de educação física e nos projetos educacionais, sob um viés desportivo, recreativo e de luta. No entanto, a capoeira deve transpor essa categorização e assim, além das quadras, possa alcançar outras possibilidades e dimensões tanto na escola quanto na vida das/os alunas/os ao também adentrar às salas de aula.

A capoeira não se define apenas como um conjunto de movimentações para o corpo, sua definição é bem mais ampla. De modo geral, a capoeira é uma prática coletiva social interdisciplinar de matriz africana. Ela é uma vivência e assim sendo, nos ensina a lidar com o mundo, nos faz refletir sobre a vida, sobre o cotidiano. Além dos movimentos corporais, nela existe a música, a filosofia, a história, a arte, etc.

Desse modo, a capoeira torna-se possível, enquanto uma prática educativa, porque através dela pode-se conhecer e refletir sobre os valores ancestrais, sobre a história e as histórias de nosso país que estão guardadas nas memórias das nossas/os ancestrais. Pode-se também aprender sobre o respeito à natureza, a compreensão da sociedade em que vivemos, lutar contra o preconceito e o racismo, desenvolver a criticidade e a criatividade, e com isso, manter, valorizar e reconstruir os conhecimentos advindos de nosso povo, de nossa sociedade, de nossa cultura. Portanto, a capoeira se apresenta como um importante veículo disseminador e propulsor de conhecimentos africanos e afro-brasileiros os quais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB exige às nossas escolas que sejam aplicados através da lei 10639/03.



1- Após a leitura do conto e da crônica, percebemos que a capoeira mantém uma estreita relação com os elementos de matrizes africanas e representa uma importante manifestação cultural afrodescendente. Na sua opinião, a forma como a capoeira foi apresentada, nos textos, que compõem esse material, modificou a sua forma de compreendê-la? O que mudou na sua percepção?

2- O evento de capoeira descrito na crônica “Um momento único aconteceu no Cariri cearense” ilustra a forma como a população afrodescendente se relaciona com a natureza. Quais fatos narrados nessa crônica mais chamaram a sua atenção? Por quais motivos?

3- Se nós tentássemos estabelecer um diálogo entre o conto e a crônica, numa perspectiva que juntasse as duas narrativas, que relação seria possível constatar entre o treinamento, ou seja, a emboscada praticada pelos capoeiristas, e a execução do plano de fuga tão aguardado por todos na narrativa do conto Quilombo Cariri?

4- Você conhece outras manifestações culturais de matrizes africanas? Em caso afirmativo, conte-nos de que forma elas ocorrem na sua comunidade, de onde surgem, como são pensadas e organizadas.

5- Sobre as diversas manifestações culturais afrodescendentes a exemplo da capoeira, dos reisados, dos maracatus e tantas outras manifestações, é possível afirmar que essas expressões da cultura afrodescendente são valorizadas e que sempre houve uma relação de incentivo e respeito para com elas dentro da sociedade brasileira? Por que será que isso ocorre?



É possível estabelecermos um diálogo entre capoeira e educação?

Para
encerrar
a nossa
ginga...

A ginga é a forma, o passo, o movimento corporal que a/o capoeirista utiliza para jogar (andar) na capoeira. Esse termo foi usado em nossa dissertação como metáfora, no sentido de caminhar em direção aos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, a ginga diz respeito ao caminhar da pesquisa, os passos dados e os caminhos percorridos.

Para Tavares (2020, p. 48) “a ginga funciona como um gênero de conhecimento e chão para a representação cultural por ações corporais”. Em se tratando de capoeira, é na ginga que a/o capoeirista coloca em ação seu corpo para aprender, ensinar e colocar em prática seus conhecimentos, estes evidenciados nos movimentos corporais, nas músicas cantadas, nas histórias contadas, nas criações artísticas e nos instrumentos musicais tocados.

A ginga implica em um estilo de andar, vestir, lugar de memória e identificação afro-brasileira (TAVARES, 2020). Sendo assim, esse material foi urdido numa ginga que perpassou por intensos jogos de capoeira, acontecidos nas páginas lidas e refletidas e nas palavras escritas e proferidas a partir das experiências da pesquisa sobre nossa manifestação cultural.

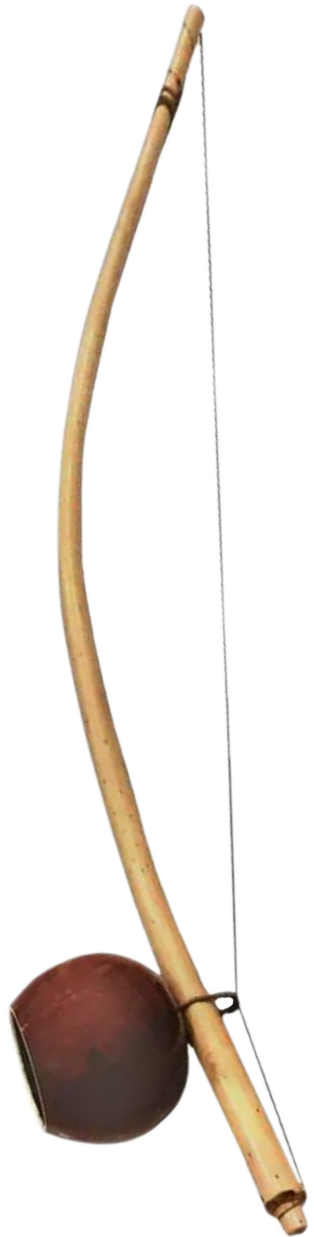


1- Finalizamos nossa ginga reconhecendo a importância da capoeira, das africanidades, das afrodescendências e da cosmovisão africana para a construção de uma sociedade que respeite os pilares da sua ancestralidade e da sua identidade cultural afrodescendente. Tomando por base estes conceitos, converse com pessoas de mais idade, a exemplo de seus avós, sobre as manifestações culturais que eles/elas conhecem e que ajudaram a formar a base do que nós somos.

2 - Pergunte sobre aspectos da religiosidade, sobre mitos, rezas, lendas e outras histórias, sobre coisas que permanecem vivas no imaginário deles/delas e perceba o quanto existe de correlação entre esses elementos de base africana e a nossa formação cultural que advém, justamente, desse contexto.



Caça- Palavras



MANIFESTAÇÃO CULTURAL

AFRODESCENDENTE BRASILEIRA

CAPOEIRA

Horizontal

1. Ato de bater, de fazer barulho com pancadas num ritmo acelerado; batucada. Nome geral que se dá a todas as danças acompanhadas por instrumentos de Percussão. Qualquer música ou dança de origem afro-brasileira que tem como base a percussão e o canto. Nome comum a diversos cultos afro-brasileiros.
5. Instrumento musical de percussão, composto por um rolo de bambu seco com cortes transversais, sendo o som produzido pela ação de esfregar uma vareta nesses cortes.
7. Tambor feito com a pele de um animal distendida sobre um pau oco. É percutido com as mãos e pode ter vários tamanhos. Sua origem é africana e sua difusão no Brasil foi feita pelas/os escravizadas/os.
8. Instrumento de percussão em forma de ferradura arrematada por duas campânulas de ferro.
9. Instrumento de percussão, próprio para marcar ritmos, composto por uma armação circular de madeira, com uma das faces coberta, e aberturas espaçadas em que se colocam uma ou mais rodela de metal, enfiadas em arames.
10. Reunião das ações, das práticas, dos ritos que compõem uma cerimônia, religiosa ou não; Reunião das normas preestabelecidas que precisam ser respeitadas numa ação solene;

Vertical

2. Seres humanos presos e forçados a trabalhar sem remuneração. Durante muito tempo, esse grupo de pessoas, foi em sua grande maioria representado por africanas/os.
3. Instrumento usado na capoeira também conhecido urucungo. Composto por um arco de madeira, arame de aço e uma cabaça.
4. Espaço onde se joga a capoeira. Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira.
6. Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, que tem aproximadamente a forma de uma pêra.

1 - Batuque, 2 - Escravizados, 3 - Berimbau, 4 - Roda de capoeira, 5 - Reco-reco, 6 - Cabaça, 7 - Atabaque, 8 - Agogô, 9 - Pandeiro, 10 - Ritual.



MANIFESTAÇÃO CULTURAL AFRODESCENDENTE BRASILEIRA - CAPOEIRA

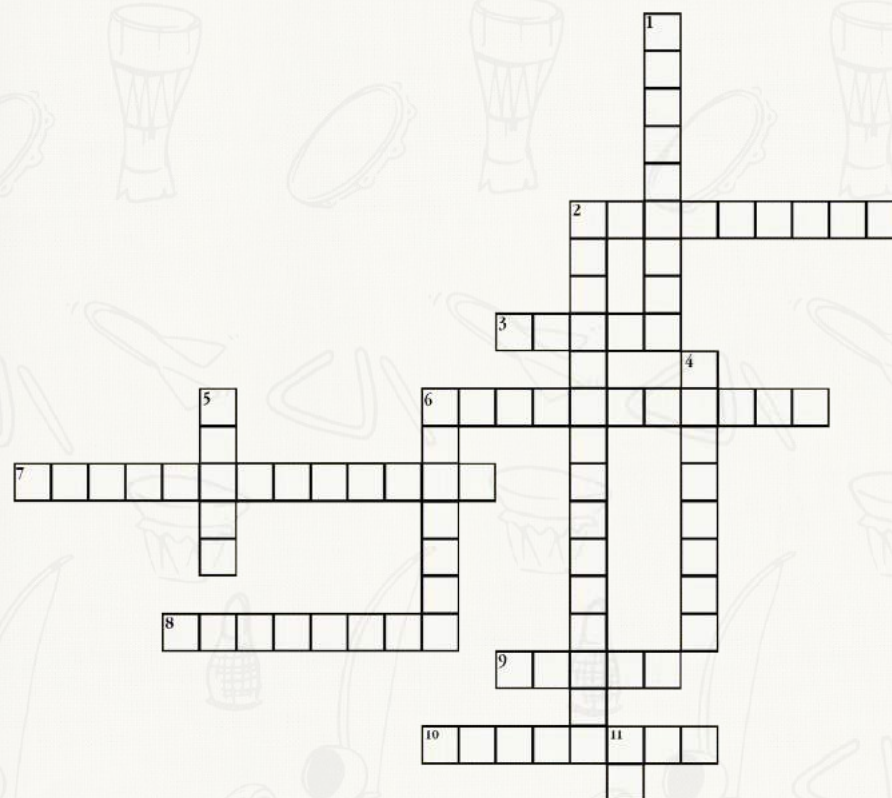
Horizontal

2. Relacionado com antepassados, com pessoas de quem se descende, provém, tem sua origem; familiar mais antigo.
3. Berimbau com cabaça pequena, que produz uma sonoridade de frequência aguda e que serve para fazer improvisos.
6. Prática de capoeira; Conjunto de técnicas da capoeira. Modo de vida de capoeirista.
7. Toque de capoeira para o uso na capoeira Angola. Existem três tipos básicos. Angola, São Bento Pequeno de Angola e São Bento Grande de Angola.
8. Fato de viver, de ter vida; existência. Experiência de vida. Conhecimentos adquiridos pela experiência em uma ou várias situações de vida ou profissionais;
9. Berimbau com cabaça grande, que produz uma sonoridade grave, responsável por conduzir o ritmo.
10. Espaço de chão batido. Quintal pequeno, geralmente de terra batida, localizado no exterior de uma casa; terraço ou cirado. Local destinado à celebração de cultos afro-brasileiros.

Vertical

1. Ataque inesperado e traiçoeiro; cilada, armadilha: preparar uma emboscada contra o inimigo.
2. Pessoa que descende de uma família de origem africana.
4. Roda de conversas sobre capoeira; diálogo sobre capoeira.
5. Berimbau com cabaça média, que produz uma sonoridade de frequência média e que acompanha o ritmo do Gunga.
6. Conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade.
11. Expressão na capoeira que significa um pedido de atenção. Geralmente é usada no início das rodas de capoeira, para que todas/os tenham atenção a mensagem passada através da música a ser cantada.

1 - Emboscada, 2 - Ancestral, 2 - Afrodescendente 3 - Viola 4 - Papoeira 5 - médio 6 - Capoeiragem, 6 - Cultura, 7 - Toque de angola, 8 - Virência, 9 - Gunga, 10 - Terreiro, 11 - iê



MANIFESTAÇÃO CULTURAL AFRODESCENDENTE BRASILEIRA - CAPOEIRA

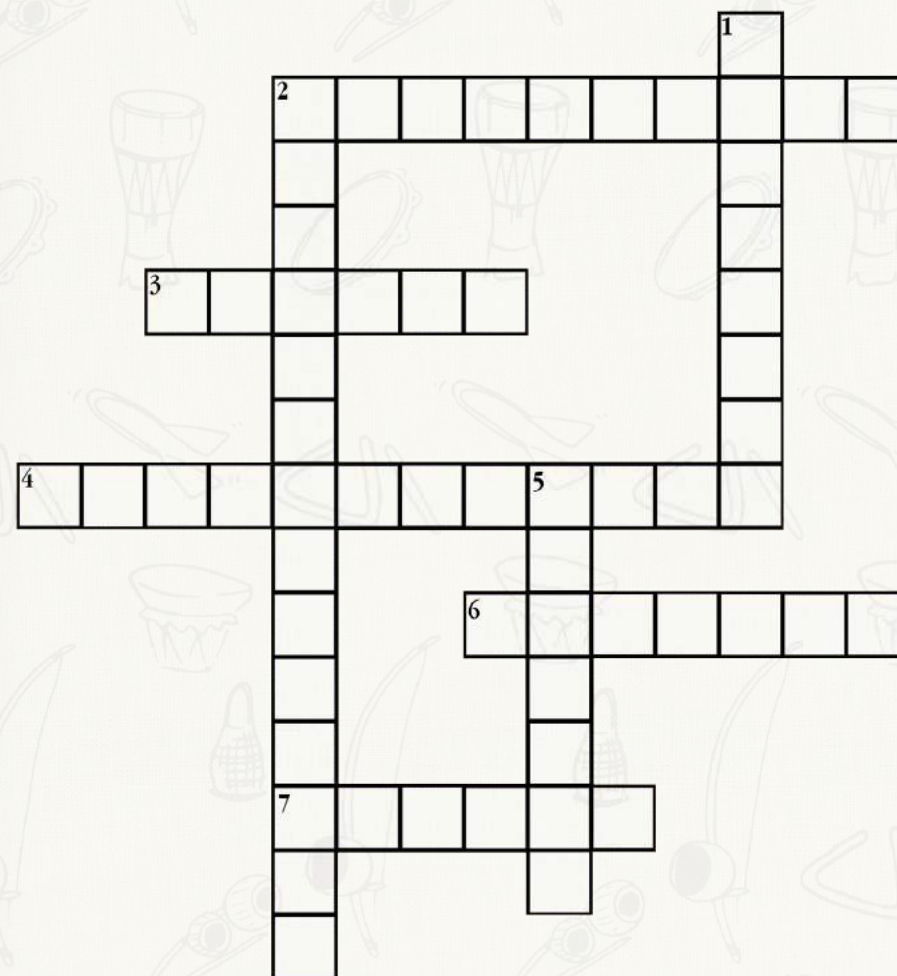
Horizontal

2. conjunto das pessoas que habitam o mesmo lugar, dos que pertencem ao mesmo grupo social, cultura e história;
3. Divindades africanas;
4. Pessoas que vivem e praticam a capoeira;
6. Cantada (no sentido do conto) - afinada, harmoniosa, melodiosa. Dito em voz alta; que se conseguiu entoar, dizer em;
7. País africano.

Vertical

1. vareta de madeira usada para tocar berimbau.
2. Afrodescendente que tinha como função capturar, vigiar, reprimir e ou punir as/os escravizadas/os nas fazendas. Os capitães do mato de hoje são aquelas pessoas que concordam e apoiam a opressão e a violência para com a população pobre;
5. Habitação usada como alojamento para as/os africanas/os, trazidos ao Brasil, durante o período de escravidão.

1 - Baquetas, 2 - Comunidade, 2 - Capitães do mato, 3 - Orixás, 4 - Capoeiristas, 5 - Senzala, 6 - Entoada, 7 - Angola



Termos Banto utilizados no Brasil.

Fonte - Dicionário Banto do Brasil – Nei Lopes.

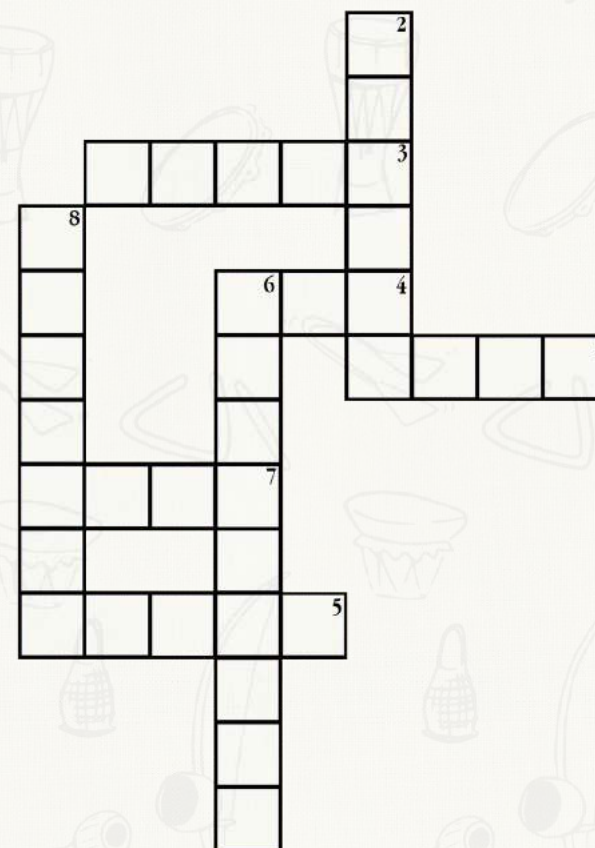
Horizontal

2. No quicongo, fabu dyamwinsi, cana de açúcar que não maturou.
6. Ficar vexado por algum motivo. Relacionado ao quimbundo kulebula, vexar, envergonhar.
8. Do quimbundo kisambu, cesta, cesto grande.

Vertical

1. Usado na expressão “cagar goma” “botar banca”. Possivelmente do luganda ngoma, realeza, poder, cargo, autoridade.
3. Do quimbundo dibunda, embrulho. Trouxa. Na expressão chula “panos de bunda” (pega teus panos de bunda e vai-te embora!) a recriação completa do termo quimbundo em terra brasileira.
4. Exclamação irônica ou de desprezo. Do quimbundo êxi interjeição designativa de enfado, desconsolo ou incapacidade.
5. Homem bravo, valente. Do quicongo ndunga, pessoa de grande porte.
7. Adj. Alegre. Satisfeito (JD) – Provavelmente do quimbundo, alegre. Cp. Amue.

1 – Goma, 2 – Fubúia, 3 – Bundá, 4 – Ixe, 5 – Dunga, 6 – Encabular, 7 – Amem, 8 – Caçamba.



Termos Banto utilizados no Brasil.

Fonte - Dicionário Banto do Brasil – Nei Lopes.

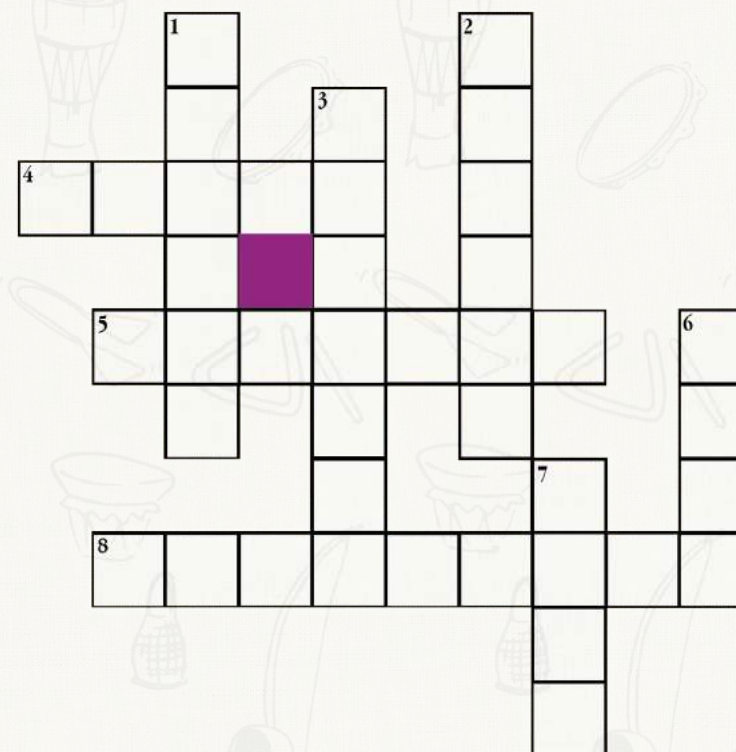
Horizontal

4. Do quimbundo tanga, roupa, pano, capa.
5. Pancada. Tambor grande. Bombo. No quicongo e no Umbundo mbumba, bater.
8. Conversa fiada, palavreado vazio. Do quicongo do oeste lelu, boca.

Vertical

1. Do quimbundo xinga, insultar, ofender, proferir obscenidades, blasfemar.
2. Do quimbundo muhamba, cesto comprido para a condução de cargas em viagem; carroto.
3. Do quimbundo junguzu, soldado. Quando não, o iorubano jagun-jagun, soldado guerreiro.
6. No quimbundo leza, idiota, e no quicongo lezo, kilezo, inação, negligência, indolência, etc.
7. Do Umbundo nenê, pedacinho, cisco, detrito: “kanene é o nome que dão à criança miudinha” (Alves, 1951)

1 - Xingar, 2 - Muamba, 3 - Jagunço, 4 - Tanga, 5 - Zabumba, 6 - Leso, 7 - Nenê, 8 - Lero-lero



Termos Banto utilizados no Brasil.

Fonte- Dicionário Banto do Brasil – Nei Lopes.

Amem – Adj. Alegre. Satisfeito (JD) – Provavelmente do quimbundo, alegre. Cp. Amue.

Bundá – Do quimbundo *dibunda*, embrulho. Trouxa. Na expressão chula “panos de bunda” (pega teus panos de bunda e vai-te embora!) a recriação completa do termo quimbundo em terra brasileira.

Caçamba – do quimbundo *kisambu*, cesta, cesto grande.

Dunga – Homem bravo, valente. Do quicongo *ndunga*, pessoa de grande porte.

Encabular – Ficar vexado por algum motivo. Relacionado ao quimbundo *kulebula*, vexar, envergonhar.

Fubuia – no quicongo, *fabu dyanwinsi*, cana de açúcar que não maturou.

Goma – usado na expressão “cagar goma” “botar banca”. Possivelmente do luganda *ngoma*, realeza, poder, cargo, autoridade.

Ixe – Exclamação irônica ou de desprezo. Do quimbundo *êxi* interjeição designativa de enfado, desconsolo ou incapacidade.

Jagunço – Do quimbundo *junguzu*, soldado. Quando não, o iorubano *jagun-jagun*, soldado guerreiro.

Lero-lero – Conversa fiada, palavreado vazio. Do quicongo do oeste *lelu*, boca.

Leso – No quimbundo leza, idiota, e no quicongo *lezo*, *kilezo*, inação, negligência, indolência, etc.

Muamba – Do quimbundo *muamba*, cesto comprido para a condução de cargas em viagem; carroto.

Nenê – Do Umbundo *nenê*, pedacinho, cisco, detrito: “*kanene* é o nome que dão à criança miudinha” (Alves, 1951)

Tanga – Do quimbundo *tanga*, roupa, pano, capa.

Xingar – Do quimbundo *xinga*, insultar, ofender, proferir obscenidades, blasfemar.

Zabumba – Pancada. Tambor grande. Bombo. No quicongo e no Umbundo *mbumba*, bater.

Bibliografia

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Africanidade, afrodescendência e educação. Revista Educação em Debate. Fortaleza, Ano 23, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001.

_____. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: História da Educação do Negro e outras histórias, 2001.

_____. NTU. Revista Espaço Acadêmico. Nº108, 81-92, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9385>>

LOPES, Nei. Dicionário Banto do Brasil. Centro Cultural José Bonifácio. Imprensa da Cidade, Rio de Janeiro, [19-].

SILVA, Francisco Orismidio Duarte da. A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação. Dissertação (Mestrado). Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato-CE, 2020.

SODRÉ, Muniz. In: TAVARES, Júlio César de. Dança da Guerra: arquivo e arma. Elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: NANDYLA, 2012.

TAVARES, Julio Cesar de. (Org.). Gramáticas das corporiedades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.





A capoeira, como a maioria de nós conhecemos, é traduzida como uma importante manifestação cultural afro-brasileira que dialoga com os pilares da nossa formação humana, cultural, social, étnica e histórica. Neste material didático, reafirma-se esse pensamento, todavia, urge ressaltar que a gênese da capoeira se alicerça dentro de um longo e contínuo processo de resistência, que tem buscado defender que o conjunto de saberes e valores ancestrais e afrodescendentes, constituintes do seu arcabouço, não podem ser traduzidos apenas como algo visível aos olhos. Capoeira é memória, é identidade, é resistência e também pluralidade, pois não se pensa, nem se constrói sozinha, mas no coletivo, aliás essa importante característica é o pressuposto basilar da proposta aqui empreendida.

Neste material didático, ao deslocar o potencial da capoeira para educação, o autor intenciona fortalecer as práticas educacionais que seguem nessa direção e dimensão coletiva e transcendental da capoeira, ultrapassando seu aspecto material e seu caráter de esporte/luta.

Além disso, este trabalho busca intermediar uma experiência de ensino que se assente nos pilares previstos pela lei 10639/03 alterada pela 11645/08, a qual determina o ensino da cultura e história africana e indígena na educação básica. É desse proveitoso diálogo que nasce este trabalho que tem por objetivo envolver docentes e discentes da educação básica e intermediar uma prática de ensino significativa através da capoeira, estabelecendo contribuições para o despertar de uma consciência afro-brasileira, base constitutiva do que somos.

